

FESTAS SAGRADAS DO ANTIGO TESTAMENTO¹

FESTA	REFERÊNCIAS	DIA DE CELEBRAÇÃO (= em nosso calendário)	DESCRIÇÃO	PROPÓSITO
Sábado	Êx 20.8-11; Lv 23.3; Mt 12.1-14; Hb 4.1-11	A cada sete dias	Dia de descanso; ninguém deveria trabalhar.	Dar descanso para as pessoas e os animais.
Páscoa	Êx 12.1-14; Lv 23.5; Jo 2.13	14 de nisã (março-abril)	Um cordeiro era morto e comido com ervas amargas e pão sem fermento.	Lembrar a libertação de Israel do Egito.
Pães Asmos	Êx 12.15-20; 13.3-10; Lv 23.6-8; Mc 14.1,12	15-21 de nisã (março-abril)	Eram preparados pães sem fermento; reuniões de adoração.	Lembrar como Deus havia tirado os israelitas do Egito às pressas.
Primícias (primeira colheita)	Lv 23.9-14	16 de nisã (março-abril)	Oferta dos primeiros frutos das colheitas.	Reconhecer que os frutos da terra vinham de Deus.
Semanas (Pentecostes)	Êx 23.16; Lv 23.15-21; At 2.1	6 de sivã (maio-junho)	Celebrada cinquenta dias depois da oferta das primícias; celebrava a colheita do trigo.	Mostrar alegria e gratidão a Deus pela colheita.
Trombetas (depois chamado Rosh Hashaná ou Ano novo)	Lv 23.23-25; Nm 29.1-6	1 de tisri (setembro-outubro)	Dia de descanso e de fazer ofertas; as trombetas e os chifres eram tocados o dia inteiro.	Comemorar o início do ano civil.
Tabernáculos (ou Cabanas)	Lv 23.33-36a,39-43; Jo 7.2,37	15-21 de tisri (setembro-outubro)	Uma semana de festa por causa da colheita; o povo morava em cabanas e oferecia sacrifícios.	Lembrar a peregrinação do povo pelo deserto.
Ano do Jubileu	Lv 25.8-55; Lc 4.16-21	10 de tisri (setembro-outubro)	Cada quinquagésimo ano devia ser um período de libertação e restauração.	Indicava o rumo da história da redenção e levar o povo de Deus e a criação como um todo da inquietação ao descanso.

¹ Adaptado da Bíblia de Estudo de Genebra.

OBRAS MAIORES

O Senhor Jesus Cristo havia dito a seus discípulos que eles fariam obras maiores do que ele havia feito (Jo 14.12). Como isso seria possível? Jesus havia realizado curas, milagres, ressuscitados mortos. Como os discípulos poderiam então realizar obras maiores do que essas?

Isso se daria pelo poder do Espírito de Cristo neles. Ao receberem o Espírito Santo, os discípulos foram capacitados para dar continuidade à obra iniciada por Cristo. A igreja de Jesus, pelo poder do Espírito, expandiria a obra iniciada por Cristo. O evangelho da graça seria pregado e centenas e milhares de pessoas se renderiam ao Senhor.

O livro de Atos relata tais feitos grandiosos, demonstrando o avanço da obra redentora. Em pouco tempo, de um dia para o outro, a igreja passou de cerca de 120 pessoas (At 1.15), para cerca de quase três mil (At 2.41) e dia a dia aumentava esse número. O avanço da obra redentora está ocorrendo até os dias de hoje, e perdurará até o último dia.

A. Línguas redimidas

A primeira surpresa que os apóstolos incultos tiveram foi a capacidade de pregar o evangelho nas línguas das várias nações reunidas em Jerusalém para a festa. Por meio do dom de línguas em Pentecostes, o Messias Jesus começou a remir um mundo dividido pelas línguas desde a torre de Babel. Em Gênesis 11, a humanidade havia se unido numa conspiração para construir uma torre que fizesse célebre o seu nome. Aquilo foi considerado por Deus uma atitude de rebeldia, na tentativa de usurpar a sua glória. Deus puniu a humanidade confundindo sua linguagem. Não havia como continuarem seu plano, pois não mais falavam a mesma língua. No dia de Pentecostes há uma reversão da maldição, em que as línguas passaram a contribuir para o avanço do reino de Deus.

No dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo foi derramado sobre os discípulos, houve o milagre das línguas. Os discípulos receberam o dom de falar nas línguas daqueles judeus que estavam reunidos em Jerusalém para participar da festa, mas que tinham vindo de outras nações. Tratava-se de judeus que tinham sido dispersos por todo o mundo, em consequência do cativeiro imposto pela Babilônia e Assíria. Eram pessoas de diversas partes e que não falavam a mesma língua. Eram estrangeiros (At 2.5-13). Todos ficaram surpresos, visto que ouviam os discípulos naturais da Galileia, falando em suas próprias línguas as grandezas de Deus (At 2.9-12). O dom de línguas, portanto, capacitou os discípulos a falarem outras línguas, línguas estranhas para eles, mas línguas reais, faladas por pessoas reais, que precisavam entender o evangelho. Não eram línguas espirituais, ou estáticas, como nos dias de hoje alguns reivindicam falar, mas línguas estrangeiras. Os discípulos não tiveram tempo de aprender essas línguas, mas milagrosamente, pelo poder do Espírito Santo, foram capacitados para falar nessas línguas.

B. O poder da vida

Como já vimos, a Festa de Pentecostes, no desenvolvimento na história de Israel, passou a ser vinculada pelos rabinos com a entrega da lei de Deus a Moisés no monte Sinai. Sabemos que,

na ocasião em que Moisés estava no alto do Monte, recebendo as duas tábuas da lei, o povo estava ao pé do monte e já haviam se desviado do Senhor, voltando-se para a idolatria. Cedendo à pressão da multidão, Arão recebeu ouro do povo e confeccionou um bezerro, que passou a ser cultuado por todos. Quando Moisés desceu do monte, vendo aquela situação, ordenou que os levitas tomassem da espada e matassem cada um a seu irmão, amigo e vizinho (Êx 32.25-28). Naquele dia morreram cerca de três mil pessoas. Em Atos, ocorreu uma inversão do ocorrido ao pé do monte Sinai. No dia de Pentecostes, depois da pregação de Pedro, cerca de três mil pessoas se converteram. Em uma demonstração espantosa de graça divina, houve uma inversão do Sinai e exatamente três mil pessoas foram salvas.

Revista Nossa Fé, 4º trimestre de 2012, Editora Cultura Cristã

AS SETE TROMBETAS

A Festa das Trombetas era celebrada durante todo o dia primeiro do mês de tishri, o sétimo mês, que equivale ao mês de outubro. Durante todo o dia havia diferentes toques e melodias de trombetas em momentos especiais da festa e durante a oferta dos sacrifícios.

Com isso, uma das características da festa era essa marcação do tempo e o acompanhamento do momento certo de cada toque específico. Podemos imaginar o povo correndo para os pontos específicos da cidade a fim de ver os corais de trombetas ou os solos específicos. Isso acontecia durante todo o dia até que a última trombeta soasse, encerrando a festa.

Vivemos nesse tempo de tocar as trombetas. A primeira trombeta soou quando, no dia de Pentecostes, o evangelho de Jesus Cristo começou a ser pregado a todas as nações. Desde então, por toda a parte, tem sido anunciado o reino inaugurado pelo Senhor. A cada dia, crentes, isoladamente ou em conjunto, têm feito soar suas trombetas pela pregação do evangelho. Trata-se de um longo tempo de anúncio da Palavra de Deus, mas é um tempo que terá fim.

Essa ideia de um processo marcado ao som de trombetas que caminha para o seu fim também está presente nos capítulos 8 a 11 de Apocalipse. João registra neles sua visão de sete anjos que receberam sete trombetas. Quando cada um deles toca sua trombeta, algo acontece na terra. Até que, na sétima trombeta, o reino de Cristo sobre o mundo e sua completa vitória são anunciados (Ap 11.15-18). W. Hendriksen afirma que elas “não simbolizam eventos individuais e distintos, mas se referem a angústias que podem ser vistas a qualquer dia do ano em qualquer parte do globo” (*Mais que vencedores*, Cultura Cristã). Vejamos rapidamente cada uma delas.

Na primeira trombeta (Ap 8.7), fogo e saraiva são atirados para a terra e um terço da vegetação é destruída. Na segunda (Ap 8.8), uma montanha em chamas é atirada no mar e um terço da vida marinha e das embarcações é destruído. Na terceira trombeta (Ap 8.10-11), uma estrela em chamas cai sobre a terça parte dos rios e das fontes de águas e as torna impróprias para beber. Na quarta trombeta (Ap 8.12), o sol, a lua e as estrelas perderam um terço de seu brilho.

Essas quatro primeiras trombetas têm como característica a destruição da terça parte dos elementos criados. Em nossos dias, elas podem facilmente ser relacionadas com os problemas ambientais que enfrentamos e que diariamente vemos ser discutidos nos meios de comunicação. A queimada das florestas, a poluição das águas e do ar, os vazamentos de petróleo, a extinção de espécies são ocorrências muito semelhantes àquelas descritas por João. Todas essas coisas são claros sinais de alerta de que o mundo caminha para o seu fim. Tanto é assim que o mundo todo se movimenta em torno da chamada agenda ambiental ou economia sustentável.

No entanto, o que a humanidade não percebe é que estas coisas podem ser entendidas como as trombetas de Deus soando, convocando os homens para que se voltem arrependidos e o sirvam. No registro da sétima trombeta, os anciãos cantam que chegou o tempo de destruir os que destroem a terra (Ap 11.18). A agenda ambiental não avança porque Deus não tem feito parte de sua constituição. Esses problemas e tantas outras coisas são os frutos da presença do pecado e da maldição divina que dele decorre. Essas calamidades são contundentes admoestações de Deus e, infelizmente, por causa da surdez e da cegueira espiritual do homem (2Co 4.3-4), só se agravarão trazendo angústia ainda maior sobre os que vivem na terra (Ap 8.13), pois ainda três anjos têm sua trombeta para tocar.

Na quinta trombeta (Ap 9.1-12), uma estrela caída do céu libera sobre a terra um tipo de gafanhoto que por cinco meses atormentará com dores terríveis aqueles que não têm o selo de Deus. Por causa delas, os homens desejaram morrer, mas não conseguirão. Hendrinksen entende que essa estrela é Satanás e esses tormentos são os males que ele traz sobre a vida dos descrentes.

Na sexta trombeta (Ap 9.13-21), a morte, que antes fora negada aos homens, agora é imposta de uma só vez a um terço deles por meio do fogo, da fumaça e do enxofre. Quando os homens se achavam livres dos tormentos dos gafanhotos, foram atacados por um poderoso e mortal exército. A despeito dessas duas trombetas, os homens não se arrependem de suas más obras, nem de sua idolatria, assassinios, feitiçarias, prostituição e furtos.

Mais uma vez os homens se mostram surdos ao estrondoso toque das trombetas. Nesse momento, João vê um poderoso anjo que diz: “Já não haverá demora, mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta, cumprir-se-á, então, o mistério de Deus, segundo ele anunciou aos seus servos, os profetas” (Ap 10.6-7). A sétima e última trombeta está prestes a ser tocada.

Então, como que retornando na história, uma voz do céu convoca João, nos mesmos termos de Jeremias, a aceitar o desafio de profetizar acerca de muitos povos, nações, línguas e reis (Ap 10.8-11). Nós fazemos parte desse desafio de João. É nosso dever ir ao mundo e fazer conhecidos os anúncios do poder de Deus sobre todas as coisas, e de sua ira contra o pecado. Os anjos de Deus continuam se sucedendo em tocar as trombetas do céu, enquanto nós, a igreja, continuamos a tocá-las na terra, exortando, em nome de Cristo, que os homens se reconciliem com Deus neste tempo sobremodo oportuno (2Co 5.20).

Revista Nossa Fé, 4º trimestre de 2012, Editora Cultura Cristã

SALMO 105

Os dois salmos históricos maiores, 105 e 106, traçam a história de Israel desde a aliança divina com Abraão até chegar aos períodos posteriores em Canaã. A infidelidade do povo (Sl 106) é contrastada com a plena fidelidade de Deus (Sl 105). Este é o principal aspecto didático dos salmos históricos (ver a Introdução, pp. 57-61). Depois de um chamado introdutório ao culto, há uma afirmação histórica nos versículos 7-11. Isto é seguido de uma longa expansão dela nos versículos 12-41, então o versículo 42 resume o tema da aliança com Abraão, e os versículos finais formam um sumário equilibrado no final do salmo. Os primeiros quinze versículos deste salmo, juntamente com os Salmos 96 e 106.1,47,48, compõem 1 Crônicas 16.8-36, no contexto do ato de Davi de transportar a arca da aliança para Jerusalém.

1. Convite ao Louvor (v. 1-7)

As palavras iniciais fornecem os matizes aos mandamentos seguintes (v. 1). Constituem uma convocação para se louvar o Senhor, e é bem provável que sejam um eco de Isaías 12.4. À luz do contexto, “invocar o nome do Senhor” aqui significa proclamação do nome de Deus, e não propriamente invocar seu nome em oração. Ao louvar o Senhor, o salmista deseja que seus adoradores se lembrem das coisas que Deus fizera (chamadas nos versículos seguintes “atos maravilhosos”, “prodígios” e “milagres”).

A série de mandamentos continua, com ênfase em se fazer conhecido como Deus salvou seu povo (vs. 2,3). O nome de Deus (i.e., seu caráter) se exhibe pelo que ele tem feito. Portanto, louvar é uma resposta apropriada, e os que procuram adorá-lo devem chegar-se a sua presença com alegria.

O foco do culto é o Senhor mesmo e seu onipotente poder (vs. 4-6). Força é um característico essencial de Deus (Sl 62.11; 63.2), e essa força é exibida em suas ações benevolentes em prol de seu povo. O salmista convoca seus ouvintes (descritos pela variedade de termos no v. 6) a que se lembrem como esse poder tem sido conhecido, especialmente no tempo do êxodo egípcio. Deus realizara ações que só ele pode realizar (para “prodígios”, ver Sl 71.17; 72.18), e ele comunicara a sentença a faraó e a seu povo (Êx 6.6; 7.4; 12.12).

No versículo 7, o êxodo é ainda mais lembrado pelo uso do nome pactual de Deus (o Senhor) que estava tão estreitamente ligado a toda a experiência de redenção do Egito (Êx 3.13-15). Faz-se a confissão de que o Senhor pactual é de veras o Deus de seu povo, e seus juízos são públicos para que todos os veem. O que acontecera no Egito era bem conhecido de todas as nações adjacentes.

2. A Aliança Infalível (v. 8-11)

Abraão e Jacó já foram mencionados (v. 6), e o vínculo pactual fundamental com eles é reafirmado neste cântico histórico (vs. 8,9). O povo tem de ser encorajado a rememorar os grandes feitos de Deus (v. 5), mas Deus mantém sua garantia pactual sem a necessidade de auxílio para sua recordação. O termo “juramento” é usado no Antigo Testamento em contextos tais como

este, como virtualmente equivalente de “aliança”. Tal juramento não era necessário no que diz respeito a Deus mesmo (que é imutável), mas era uma bênção a seus servos como confirmação de seus propósitos (o juramento a Abraão [Gn 22.16] foi reiterado a Isaque [Gn 26.3-5]). Ele se destinava a durar “por mil gerações”, expressão que significa “para sempre” (ver Dt 5.10; 7.9).

Além do mais, o mesmo compromisso pactual foi feito com Jacó (vs. 10,11, Gn 28.13-15) e a promessa da terra de Canaã lhe era central, a qual seria uma habitação para o povo de Deus. À luz das descrições dadas da terra, a promessa de “a terra de Canaã” significava toda a Palestina. Constituíam um decreto no sentido em que ela era uma provisão duradoura que Deus fizera a seu povo pactual, não obstante era condicional, com base em sua fidelidade, como os exílios de ambos os reinos mais tarde o demonstraram.

3. A História Pactual (v. 12-41)

Daqui até o final do *versículo 41* há um sumário do modo como Deus agia em favor de seu povo, cuidando deles e os redimindo do cativeiro egípcio. No primeiro estágio de sua história, o povo de Deus era apenas um pequeno número e destituído de qualquer território definido propriamente seu. Migraram para o Egito e para fora dele, e mesmo dentro da Palestina não passavam de “estrangeiros”, isto é, não tinham direitos de residência permanente (vs. 12,13). O cuidado prospectivo de Deus fora demonstrado aos patriarcas (vs. 14,15). Ele inclusive repreendeu reis tais como faraó (Gn 12.17) e Abimeleque de Gerar (Gn 20.7). O termo “os ungidos” é sinônimo de “os escolhidos” (v. 6), enquanto “profetas” é um termo geral aplicado aqui a Abraão, Isaque e Jacó. Abraão é apenas um dos três especificamente chamados “profetas” no Antigo Testamento (Gn 20.7), mas os três foram chamados por Deus e eram os recipientes de sua revelação pactual. Como tais, suas vidas devem ser vistas como sagradas.

Os *versículos 16-22* proveem um sumário de Gênesis 37,39-41, mostrando como Deus preparou o caminho para seu povo, fazendo José descer ao Egito e o havendo designado para uma posição proeminente. Ele chegou no Egito na qualidade de escravo, vendido por seus próprios irmãos (Gn 37.28-36). A descrição que é dada de seu cativeiro é de caráter poético, usando a imagem de um período posterior (“seus pés em grilhões, seu pescoço posto em ferros”). Em seus sonhos que se relacionavam com seus irmãos (Gn 37.5-11), e em sua interpretação dos sonhos de seus companheiros de prisão (Gn 40.4-23; 41.12), José falou em termos proféticos. Por fim, esta revelação de Deus veio a concretizar-se quando as coisas se cumpriram como José dissera. Ele foi solto da prisão e designado a ocupar o segundo posto no Egito (Gn 41.41-46), tendo os príncipes de faraó sob seu controle.

O *versículo 23* retém o tema da fome, introduzido no versículo 16, porém interrompido pelo relato da escravidão de José. Jacó ficou em estado de estupor quando ouviu que José era o governador do Egito, porém concordou em ir e viver no Egito com toda sua família (Gn 45.25-46.7; à luz da afirmação em Gn 10.6, o Egito é chamado “a terra de Cam”, aqui e no v. 27, bem como no Sl 106.22; no Sl 78.51 usa-se a expressão “as tendas de Cam”). Durante alguns séculos de permanência ali, Israel cresceu em número e, conseqüentemente, veio a ser um problema para os egípcios (vs. 24,25, Êx 17.14). A mão de Deus dirigia as ações dos egípcios de modo a, finalmente, agirem de forma pecaminosa contra Israel que servia a seus propósitos soberanos.

Chamar Moisés servo de Deus constitui um eco de Êxodo 14.31, enquanto a designação de Arão como o profeta de Moisés e como o “escolhido” de Deus é feita em Êxodo 7.1 (v. 26). Como no Salmo 78, as pragas não são mencionadas em ordem cronológica. Antes, o poeta realça as duas pragas finais (trevas e morte dos primogênitos), colocando as outras pragas entre elas. Além disso, duas delas (a praga sobre o gado e a praga dos tumores) são omitidas. Esses versículos constituem um sumário de Êxodo 7.14-11.10. Servem como um lembrete de quão importantes eram os sinais e prodígios que Deus realizara no tempo do êxodo. Eram demonstrações do poder divino que

Israel nunca esqueceu, pois este era o filho primogênito de Deus (Êx 4.22) que foi redimido da escravidão egípcia por seu braço poderoso (vs. 27-36).

Depois da descrição precedente do tempo de Israel no Egito, o poeta sumaria a experiência atual do êxodo (vs. 37-41). Ele usa uma das expressões- padrão do Antigo Testamento (“tirou”) para descrever como acontecera. Deus interveio em favor de seu povo e o tirou, e esta intervenção incluía tornar os egípcios favoravelmente dispostos a atender Israel (Êx 12.33-36). Inicialmente, os egípcios se alegraram em ver Israel pelas costas, mas então compreenderam que haviam perdido sua força operária e por isso os perseguiram (Êx 14.5-9). Deus sustentou e protegeu seu povo, de modo que durante o dia tinham a nuvem como cobertura; e, durante a noite, tinham o fogo. Ele também lhes proveu alimento e bebida no deserto. Todas essas experiências confirmavam a natureza sobrenatural do êxodo e do gracioso cuidado de Deus em seu favor.

4. A Bênção do Senhor (v. 42-45)

O salmo conclui com reiterada referência à aliança com Abraão. O êxodo foi o cumprimento do que Deus lhe prometera muito antes (Gn 15.13,14), e Israel tomou posse de uma terra completa, com casas, poços e vinhas, que outros haviam trabalhado para conseguir (Dt 6.10-12). A resposta do povo tinha de ser demonstrada mais que por mera alegria. Foram instruídos a obedecer a todos os decretos do Senhor e a temê-lo (Dt 6.24,25). A aliança exigia responsabilidades que o povo esperava honrar quando conformaram sua vida aos mandamentos de Deus e assim aprenderam a santidade de seus caminhos. O salmo que começa com uma convocação ao louvor, termina com um “Aleluia!”.

Comentários do Antigo Testamento – Salmos, Allan M. Harman Allan M. Harman, Editora Cultura Cristã